

BORGES sem retoque

Eliane Zagury

UERJ-LETRAS

Diálogo com Borges, *conversas de Jorge Luís Borges com Osvaldo Ferrari*. Rio de Janeiro, Rocco. Tradução de Eliane Zagury.

Em 1984, a Rádio Municipal de Buenos Aires produzia uma série de programas semanais que constavam de um diálogo entre Jorge Luís Borges e o jovem poeta argentino Osvaldo Ferrari. A conversa se movimentava pelos amplos espaços das preferências estéticas e literárias do recentemente falecido escritor, suas impressões de viagens, sua reflexão filosófica, seu sentimento de nacionalidade. Tudo isso pautado pelo seu vastíssimo horizonte de leitura e pela não menos vasta experiência de oitenta e cinco anos de vida. O jornal "Tiempo Argentino" passou a publicar a transcrição dessas gravações semanais. O livro que examinamos abriga 30 desses programas, sem adendos nem correções, uma linda amostra de Borges ao vivo, em linguagem falada, em pleno processo de reflexão e expressão.

Como o próprio Borges ditou para o prólogo do livro, "no decorrer da conversa percebi que o diálogo é um gênero literário, uma forma indireta de escrever." Não se trata de retórica para o leitor, vindo de quem vem: de alguém que nos últimos trinta anos só lia e escrevia indiretamente, ouvindo e ditando — impedido do exercício direto pela cegueira — e de alguém profundamente ligado ao pensamento grego, aos *Diálogos de Platão* e à existência puramente dialogal de Sócrates — personagem histórico ou apenas literário? É uma conjectura que Borges não recusa. Como, de resto, não recusaria qualquer outra, pois, como afirma num diálogo, "só nos restam o acaso e a conjectura". E é no âmbito dessa conjectura como atitude vital que podemos encontrar um Borges profundamente latino-americano, muito mais do que nos deixariam suspeitar as suas fantasias de ser um europeu no desterro, por isso mesmo mais herdeiro de

uma cultura européia idealizada, sem compromissos com a realidade ou com as fronteiras nacionais. Falo da longa tradição conjectural latino-americana, que se plasma já no século XVI, no exercício da crônica das Índias, oficial ou oficiosa, emparedando angustiadamente o ser americano entre as duas possíveis verdades da sua História indígena e européia, nos equívocos dos relatos de vencedor e vencido, cultura dominante e cultura dominada. É dessa fratura de cosmovisão, que infelizmente ainda não conseguiu chegar à plenitude de uma expressão de mestiçagem cultural assumida, que deriva o ceticismo latino-americano do acaso e da conjectura e que leva Borges à opção desesperada, porque não é ingênua, de erigir seu mundo sob o reinado exclusivo da coerência estética.

Daí, se chega à formulação de uma ética no decorrer do diálogo, em que Borges declara: “o dever de todas as coisas é ser uma felicidade; e não são uma felicidade são inúteis ou prejudiciais” — o que poderia ser grande e correto, se tivesse a dimensão social que Borges não consegue alcançar. O seu âmbito é a felicidade individual, fatalmente conflitiva e contraditória, esbarrando nos limites do eu como o outro.

Divergências à parte, têm-se a impressão de atingir os limites de excelência de uma atitude existencial produtora de pensamento e literatura. E a assunção radical dessa aventura mental como forma de vida. No segundo programa, Borges declara: “Mas claro que uma das coisas mais importantes que podem acontecer a um homem é ter lido esta ou aquela página que o comoveu, uma experiência muito intensa, não menos intensa que outras”. Já mais avançado no diálogo semanal, dirá que, se recuperasse a visão, não sairia de casa, ficaria lendo todos os livros que tem vontade de ler e nem sempre pode, pelos olhos e pela voz dos outros.

Não há dúvida de que indiretamente muita coisa sobre sua obra se esclarece nesses diálogos. O pensamento estético que norteia suas composições literárias se desvenda e também se revela o homem que sobrevive por trás dele.